

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

CONCEITO DE BELO E ESTÉTICA NA ARTE CONTEMPORÂNEA

**Autores: MARINA COLHADO CABRAL
Prof. Orientadora Me. LEILA RABELLO DE OLIVEIRA**

São Paulo, Setembro de 2012

RESUMO

Breve análise da busca do público por um julgamento estético na arte contemporânea. O artigo questiona o que é estética, sua importância e de que forma ela é aplicada, ou não, na arte contemporânea. A fim de conduzir o público à um melhor entendimento. Objetiva dar a devida importância à estética, sem deixar de afirmar que o pensamento na arte contemporânea nem sempre depende do conceito estético. O conteúdo ultrapassa o objeto. À partir de então, a arte se torna um pensamento visual interpretativo.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Julgamento Estético. Interpretação.

ABSTRACT

Short analysis of the public search for an aesthetic judgment on contemporary art. This article (paper) raise the discussion on what aesthetic is, its importance and how it is applied, or not, on contemporary art, in order to guide the public to a better understanding. Its main goal is to give an effective meaning to aesthetics, although, asserting that the thought on contemporary art, sometimes, do not depend on the aesthetic concept. In this case, the content goes beyond the object. Thus, the art works as an interpretative visual thought.

Keywords: Contemporary art. Aesthetic Judgment. Interpretation.

INTRODUÇÃO

A Arte contemporânea é analisada com um olhar preconceituoso por grande parte do público, o artigo veicula tal preconceito à pensamentos estéticos pré estabelecidos que não se encaixam neste novo momento da arte. E à busca por referência em uma arte moderna que está no passado. A análise de uma obra contemporânea deve estar desvinculada de todos os conceitos antigos e analisar o conceito além do objeto, o público deve exercitar a interpretação, compreendendo assim os conceitos que geraram a obra e aprendendo a apreciar este novo olhar para arte.

Para chegar ao objetivo do tema o estudo foi dividido em três capítulos. O primeiro abordando a estética e a importância da teoria e de uma delimitação para o campo da arte. O segundo aborda de uma forma concisa os mecanismos que movem a arte

contemporânea e suas inovações no campo da produção e pensamento artístico. Sendo o terceiro que discutirá o julgamento estético na arte contemporânea.

Pesquisa exploratória e descritiva realizada a partir de levantamento de literatura nas áreas de arte e estética, bem como, estudos e pesquisas realizadas em bases de dados nacionais, internacionais e em artigos de periódicos.

A pesquisa objetiva analisar a busca do público por um julgamento estético nas obras contemporâneas, o porquê da difícil aceitação dessas pelo público que visita as galerias e exposições. Objetiva também realizar um estudo do pensamento na arte contemporânea e seus mecanismos, visando trazer ao público uma nova maneira de analisá-la. O melhor entendimento terá como consequência um novo olhar para arte contemporânea, livre de julgamentos preconceituosos por falta de referência.

1 A ESTÉTICA NA HISTÓRIA DA ARTE

Segundo Houaiss (2007) belo é o que tem formas e proporções harmônicas, que causa admiração, e estética é o estudo do belo e da beleza artística, harmonia das formas e/ou das cores; beleza. Santoro (2011) afirma que a beleza intimamente ligada com a arte gera a estética e que para Baumgarten a estética é “a busca do belo numa forma de pensamento reflexivo”.

As teorias especulativas acerca da arte existem em grande número e são fundamentais para delimitar o campo de estudo específico do fazer artístico. A arte, como qualquer outra atividade, precisa construir limites que trazem como consequência a conquista da importância e respeitabilidade. Tais teorias não foram constituídas de forma aleatória e sua existência não é vazia de utilidade. Teorias serviram de base para a maioria das realizações artísticas tradicionais e, muitas vezes, ditou o que deveria ser feito e o que estaria, ou não, no campo das artes. Portanto, essas tem sentido para público e artista.

“A obra ‘em si’ não existe realmente; ela se diz ‘obra’ por meio e com a condição de ser posta em determinada forma, de ser posta em ‘em sítio’. Fora do sítio, que a teoria constituiu e que as teorizações mantêm vivo, ela não é nada. São necessárias essas mediações,

todo esse trabalho tecido incansavelmente pelo comentário, para que seja reconhecida como obra. Pois nenhuma atividade- e a arte não escapa a essa condição- pode ser exercida fora de um sítio que lhe dê seus limites, determine os critérios de validade e regule os julgamentos que serão tecidos a seu respeito. (CAUQUELIN, 2005)

Antes das discussões filosóficas no campo da arte, esta não possuía um espaço definido. Com o surgimento da estética a arte consolida um domínio específico. Se não fosse pelas constantes conceituações e reflexões, a arte entraria para o campo do esquecimento.

O conceito de Estética como ensaio e reflexão a respeito do fazer artístico, tendo como objeto central, o belo, surge no século XVIII. Porém, as especulações acerca do belo na arte já deram seus primeiros sinais de vida por meio dos pensadores gregos., À partir de então, afirma Vázquez (1999), rara é a doutrina filosófica que não dedique certo espaço aos problemas estéticos.

Para a filosofia Socrática o Belo está diretamente relacionado a moral. A harmonia cósmica, a interação com o Todo, é o principal fator para a consideração do belo e puro. Enquanto que, a desarmonia gera o contrário.

Os Pitagóricos afirmam que o número é o princípio de todas as coisas. Essas são ordenadas pela realização de leis matemáticas que condicionam a existência e, também, a Beleza. Contudo, a concepção de beleza como harmonia e proporção das partes, derivada de Pitágoras, nasce com Platão e, será aprofundada nos séculos seguintes.

A beleza tem uma existência autônoma, distinta do suporte físico que a exprime, não está veiculada a nenhum objeto, está em toda parte. A beleza não corresponde aquilo que se vê. Como o corpo é a caverna escura que aprisiona a alma a visão sensível deve ser superada pela visão intelectual, que exige o aprendizado da arte dialética (filosofia), portanto nem todos podem perceber a verdadeira beleza. A arte propriamente dita é uma falsa cópia da autêntica beleza, o que deve ser estudado é a **Beleza das formas geométricas**, baseada na proporção e em uma concepção matemática do universo. (ECO, 2004)

O ideal de proporção é baseado em moldes platônicos, pois, esse via na arte uma representação imperfeita do mundo ideal, o mundo o qual conhecíamos antes da vida terrestre. Na tentativa de conquistar a beleza ideal, os gregos trabalharam arduamente. Séculos depois os renascentistas compartilharam da mesma ambição, adaptando as realizações artísticas ao ideal de beleza platônico. Assim, alcançaram um alto nível matemático na busca da representação do belo, criando a perspectiva.

Com São Tomás de Aquino, na fase madura da Idade Média, a ideia de beleza se alinha com a ideia de proporção e equilíbrio. À cada fase soma-se novos critérios e valores. Todavia, em todas essas fases a influência da proporção é uma constante.

Logo, parece que em todos os séculos falou-se da Beleza da proporção, mas que segundo as épocas, apesar dos princípios aritméticos e geométricos declarados, o sentido dessa proporção foi mudando. No decorrer do tempo houve, de fato, diversos ideais de proporção. (ECO, 2004)

Ao juízo comum a proporção é agradável ao olhar, portanto, não foi à toa que se vinculou a Beleza às “coisas” bem proporcionais. Há diversos ideais de Beleza baseados nos valores sociais e na maneira de ver de cada época. Tais ideais se modificaram junto a sociedade ao longo dos séculos. Entretanto, é importante ressaltar que não existe linearidade na história da arte, pois, um ideal de Beleza poderia sempre ser retomado ou deixado de lado. Foi comum à muitos períodos, como no Renascimento e no Neoclassicismo, retomar valores do passado.

Esse sítio admite diversas ‘teorias’, segundo as espécies de estéticas próprias de seus autores. Temos, desse modo, a estética de Hegel, a de Kant, a de Adorno etc. Ou ainda a estética romântica, a barroca, a renascentista, que caracterizam para cada época uma maneira particular de ver, de sentir e pensar a arte. Elas não constituem teorias, mas terminam construídas como uma visão de conjunto de um período. (CAUQUELIN, 2005)

2 A REVOLUÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

A Arte contemporânea pode ser assim definida como o conjunto de produções artísticas realizadas à partir da segunda metade do século XX. Não se deve confundi-la com a arte produzida atualmente, pois, nem toda a produção artística

atual é contemporânea. Inovadora, essa arte rompe radicalmente com antigos preceitos artísticos há muito consolidados. As diferentes linguagens desafiam as antigas classificações como: pintura e escultura já que essas se expandem, abrangendo, por exemplo, a dança e o teatro, e articulando-se entre si.

Para nossos propósitos, também pode ser retratado como o momento no qual a ideia de arte se libertou de uma série de amarras e distinções, convenções e hábitos que se prendia — dos suportes tradicionais da pintura e da escultura e das "habilidades" a eles relacionados; da "produção em estúdio" e das exposições nos assim chamados "cubos brancos"; das divisões que separavam a "alta" arte da arte comercial ou de massa (ou da cultura popular ou vernacular); e daqueles que distinguiam arte e vida cotidiana, ou arte de informação ou documentação e seus "aparatos" de produção e recepção, ou arte e linguagens da crítica e da teoria. (RAJCHMAN, 2011)

A arte contemporânea é a arte da comunicação, busca integrar-se a realidade e ao cotidiano. Não se refugia, pelo contrário, permanece em contato direto com a sociedade contemporânea. Segundo Cauquelin (2005) à partir desse momento, o domínio da arte não é mais o da retirada e do desentendimento, do conflito com a sociedade, mas um esclarecimento, circunstanciado, dos mecanismos que a animam.

A arte contemporânea busca a liberdade tanto na linguagem como no conceito. Busca ultrapassar os limites, até então, pré-estabelecidos. O repertório teórico e os materiais são distintos e variados, cabe ao artista decidir qual o mais adequado a ser utilizado em sua proposta.

A arte contemporânea, em contrapartida, nada tem contra a arte do passado, nenhum sentimento de que o passado seja algo de que é preciso se libertar e mesmo nenhum sentimento de que tudo seja completamente diferente, como em geral a arte da arte moderna. É parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar. (DANTO, 2006)

O artista moderno Marcel Duchamp, é uma referência para se entender os mecanismos da arte contemporânea. Considerado seu precursor por trazer questões, hoje aplicadas, no mecanismo e sistema da arte, Duchamp desvincula arte de estética, considerando-a um conjunto de atividades e não um objeto dotado de estética em si. Deste modo, a arte passa a ser independente do conteúdo

particular do objeto, que não é mais necessário. O que importa é o continente, o lugar onde esse objeto será exposto, isso definirá o que é arte. Além do continente, o momento é essencial para que o objeto exista como obra de arte, depende de um conjunto de realizações. O conteúdo ultrapassa o próprio objeto, necessitando muitas vezes de interpretações para ser compreendido, a arte transforma-se em um pensamento visual.

Em relação à obra, ela pode então ser qualquer coisa, mas numa hora determinada. O valor mudou de lugar: está agora relacionado ao lugar e ao tempo, desertou o próprio objeto. A divisão entre estética e arte se faz em benefício de uma esfera delimitada como palco, onde o que está sendo mostrado é arte. (CAUQUELIN, 2005)

Em meio as mudanças na estrutura e sistema da arte o mercado e o modelo de exposição também necessitam de alterações. As obras contemporâneas não devem mais estar expostas nos moldes do “cubo branco” pois, a obra contemporânea não é feita para dialogar com este modelo de espaço. A proposta contemporânea não é mais a contemplação do quadro em si, o conteúdo ultrapassa o quadro, está inserido, também, no meio externo, na realidade, assim não requer um ambiente apenas contemplativo, mas também, uma interação com o mundo “exterior”, o mundo fora das galerias.

3 O PÚBLICO E O JULGAMENTO DE GOSTO

Escrevendo parcialmente sob a influência de Jean-François Lyotard, em sua “arqueologia” do presente dos anos 1980 “pós-modernos”, Thierry de Duve percebeu um deslocamento na estética (com antecedentes em Duchamp), pelo qual a questão do “belo” havia sido substituída pela questão “isto é arte?” no interior do problema maior do juízo que descende de Kant, no qual a noção de “suporte” poderia ser reinserida. Em todo caso, foi um momento que clamou por novas maneiras de fazer “estética”, por uma nova concepção — por uma nova “ideia de arte”. (RAJCHMAN, 2011)

Para entender a arte contemporânea é preciso não olhá-la com um pensamento moderno. As estruturas foram mudadas radicalmente tornando improvável compreendê-la e apreciá-la em toda sua riqueza visual e conceitual comparando-a a estruturas antigas. As inovações, vindas à partir da segunda metade do século XX

até a atualidade, rompem com questionamentos modernos, é uma nova maneira de pensar e ver a arte e essa deve ser analisada como tal.

Sem dúvida, é essa arte moderna que nos impede de ver a arte contemporânea tal como é. Próxima demais, ela desempenha o papel 'novo', e nós temos a propensão de querer nela incluir à força as manifestações atuais. (CAUQUELIN, 2005)

A mudança na estrutura do sistema da arte implica em uma transformação nos valores tradicionais da estética. Se a arte for vista com o olhar do passado será incompreendida. A própria definição de arte foi alterada.

É bem verdade que o gosto, como conceito normativo, foi a categoria reguladora do século dezoito, quando a disciplina da Estética era dominante. O gosto era essencialmente conectado com o conceito de prazer, e o próprio prazer era entendido como uma sensação subordinada a graus de refinamento. Havia padrões do gosto e, com efeito, um *curriculum* de educação estética. O gosto não era meramente a preferência desta ou daquela pessoa diante das mesmas coisas, mas o que qualquer pessoa, indistintamente, deveria preferir. Ora, o que as pessoas realmente preferem varia de indivíduo para indivíduo, mas o que elas *devem* preferir é idealmente uma questão de consenso universal. (DANTO, 2008)

A arte contemporânea é taxada, pelo público, a primeira vista como um “vale tudo” do campo artístico, contudo, não é esta a proposta. É necessário uma análise ampliada de sua manifestação. Existe a liberdade da produção e criação, mas há, também, uma explicação para o que está sendo feito. A arte contemporânea procura estabelecer novos diálogos, ressignificar os modos do “fazer” arte, já que a sociedade não é mais a mesma e os diálogos mudaram.

Uma estrutura se revela, pois, indispensável como continente, envoltório. Tal estrutura deveria poder, ao mesmo tempo, operar a separação entre o que é e o que não é arte contemporânea e, ademais, reunir suas manifestações esparsas segundo determinada ordem. (CAUQUELIN, 2005)

O público sente-se perdido dentro das diversas manifestações artísticas e com referência no passado, principalmente a arte moderna, procura realizar um julgamento estético, porém as manifestações artísticas estão totalmente fora do que esse estava acostumado. A arte se modificou, é fruto de uma sociedade

contemporânea, uma sociedade da comunicação que busca ir além do conteúdo estético da obra e promover um encontro entre arte e sociedade através do conceito, da interpretação.

Quem se atreverá, portanto, a pisar firme nesta areia movediça? Quem erguerá bandeiras fixas, ou seja, princípios gerais, com a pretensão de valer para estilos e movimentos artísticos tão diversos? E, no entanto, tal é a ilusória aspiração da Estética: estabelecer algo firme, absoluto, universal, essencial, ali onde tudo é movediço, relativo, concreto e instável. (VÁZQUEZ, 1999)

RESULTADOS

O objetivo inicial da pesquisa era abordar o tema Conceito de Belo e Estética na Arte Contemporânea com foco na educação brasileira, envolvendo o ensino médio e fundamental que pouco aborda essa vertente da arte . Porém durante o processo o objetivo foi se moldando, chegando a uma análise concisa do julgamento estético e o por que da dificuldade de entendimento e aceitação de um público para com a arte de seu tempo. A pesquisa passou a ter como foco principal o pensamento estético do público que frequenta as galerias e exposições e suas referências para o julgamento de gosto, buscado em uma estética do passado. O primeiro capítulo aborda as teorias especulativas acerca da arte e o campo da história da arte, que dão origem ao julgamento estético, cabendo aos demais capítulos trabalhar o foco da pesquisa que é a inovação da arte contemporânea e sua análise e aceitação do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte contemporânea é um tema de questionamentos atuais, a falta de entendimento de seus mecanismos gera pensamentos e falas preconceituosas e a constante recusa de uma arte que caracteriza a sociedade contemporânea. Abordar

no tema as discussões em torno da estética e analisa-la dentro do pensamento contemporâneo tornou-se um desafio. Não possuía conhecimento suficiente do estudo da estética para iniciar um texto, essa falta de domínio do assunto originou a escolha do tema.

A pesquisa do julgamento estético e a sua presença, ou a falta dessa, nas obras contemporâneas é um estudo para além de 10 páginas. É preciso uma intensificação no campo da história da arte e filosofia, o que não foi possível realizar neste artigo e maior domínio das correntes filosóficas que realizam o estudo da estética. Portanto defino este artigo como uma breve análise ou introdução de um futuro estudo aprofundado de Estética e Arte Contemporânea.

REFERÊNCIAS

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 9,12,94,105.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 13,21.

DANTO, Arthur C.. **Marcel Duchamp e o fim do gosto: uma defesa da arte contemporânea**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202008000200002&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2012.

DANTO, Arthur C.. Capítulo Um: Introdução: moderno, pós-moderno e contemporâneo. In: DANTO, Arthur C.. **Após o Fim da Arte: A Arte Contemporânea e os Limites da História**. São Paulo: Edusp, 2006. p. 7.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 95,317.

RAJCHMAN, John. **O pensamento na arte contemporânea**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2012.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 12,35.

SANTORO, Antonio. **A estética, a arte e sua história fundamentando conceitos para ampliação dos conhecimentos**. Roteiro de aula, 2011.

ECO, Umberto (Org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 50,94.